

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

BLUMENAU

EM

CADERNOS

TOMO XXX

JUNHO DE 1989

Nº. 6

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Junho de 1989

Nº. 6

SUMARIO

Página

"Dos primeiros dias de Blumenau"	160
Autores Catarinenses	167
Registros de Tombo anotados pelo Pe. Jacobs	169
Brusque	173
Subsídios Históricos	174
Dia das Mães	175
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil	176
Cruz e Souza, o poeta negro	178
Biblioteca Pública de Blumenau lembrando datas e promovendo concursos	180
Aconteceu... ..	181
Sobre o caráter alemão no sul do Brasil	183

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 5,00 + 1,00 (porte) = NCz\$ 6,00

Número avulso NCz\$ 0,50 — Atrasado NCz\$ 1,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 10,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 15,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

“DOS PRIMEIROS DIAS DE BLUMENAU”

Escrito por Karl Kleine

Fonte: Brasil Post: nº. I Ano I de 1º. de Dezembro de 1950 p. 5

(Da colaboração de nossos cooperadores).

“Blumenau pode comemorar festivamente seus 100 anos de Fundação quando também nesta ocasião procurou-se o menos possível sobre isto: Blumenau é uma obra de homens e mulheres alemães. Sobre a cidade em desenvolvimento e belos Vales de colonização podem olhar hoje todos os brasileiros que sejam de descendência que t e n h a m em comum o amor pela pátria. Portanto nada mais é justo que sempre recordemos os pioneiros da floresta e nós nos alegremos de estarmos na feliz posição de poder dar a palavra a um deles.

Karl Kleine emigrou como menino com seus pais em 1856 para a Colônia Blumenau. Cinquenta anos mais tarde escreveu sob o título “Erlebnisse und Schilderung eines Blumenauers” (Acontecimentos e descrições de um Blumenauense). Aqui relata uma parte de suas lembranças e que até hoje não foram publicadas. Contém uma rica e viva coleção de quadros de história de Blumenau e do Vale do Itajaí. Dos quais três relatos estão aqui publicados. Cada um imagina Blumenau de forma diferente. Eis os relatos:

Chegada a Blumenau:

Em poucas horas deveríamos chegar ao fim de nossa longa viagem. Bem podem imaginar com que sentimentos todo o gru-

po de imigrantes ansiava chegar pelo final da viagem. Quais não foram as esperanças que cada um levava em seu íntimo: Cada um imaginava Blumenau a seu modo, cada um fizera um quadro que não correspondia nem de longe a realidade. Enfim! Enfim ancoraríamos pela última vez. Logo abaixo da embocadura do Garcia ancoramos com os botes que nos trouxeram de Itajaí e o patrão disse:

“Nada mais adiante! Aqui Blumenau ser”

Nossa chegada foi muito triste. Ninguém nos recebeu, ninguém apareceu, ninguém se importou conosco! Apesar de que nos deviam ter escutado e nossa chegada para eles era significativa, ninguém apareceu para receber-nos. Era inacreditável e um golpe triste para todos.

Viamos à nossa frente apenas um pedaço de terra que tinha sido limpa, mas também cheia de mato. Subimos a margem e procuramos a cidade de Blumenau, que horror! Onde afinal ficava a cidade? — Mesmo que não fosse uma grande cidade era então pelo menos uma vila... ou um canto parecido com um vilarejo? Nada disto! Ali estava uma casa larga construída com um sótão, as paredes eram tábuas e fechadas com barro; uma parte da frente estava coberta com telhas e outra

com folhas de palmeiras. A construção toda ainda estava incompleta. Só uma janela de vidro tinha o rancho. Atrás desta janela ficava o escritório do Diretor da Colônia. As outras aberturas eram fechadas por madeira. E esta única casa seria Blumenau?

Mas não, ali estava mais uma, e adiante outra. Agora viamos até duas e mais além uma série de casas, — desculpem, mas preciso dizer — choupanas; porque nenhuma destas construções fazia jus a denominação casa. Um olhava para o outro, mas ninguém ousava perguntar: “Será isto nossa Blumenau?”

Agora enfim chegou também o Cônsul Victor Gaertner com seu tio o diretor Dr. Blumenau. O Diretor usava apenas calça e camisa, na cabeça usava um chapéu de palha bem simples e nos pés tamancos de couro. Na sua cintura esta pendurado um longo facão. Neste traje nós o viamos ainda por vários anos. Sua estatura era alta e magro mas através dos óculos faiscavam dois olhos inteligentes. Cumprimentou os imigrantes de forma curta, mas cordial, e os entregou ao cônsul e ao companheiro de viagem que tinha uma irmã casada e já chegara com o cônsul alguns dias antes de nós a Blumenau.

“Se vocês precisarem de alguma coisa” disse o diretor em forma abrupta de falar, “então se dirijam ao meu sobrinho aqui ou ao senhor Schrader; eles já estão instruídos com tudo. Hoje não tenho mais tempo, volto amanhã”. — Mais uma vez cumprimentou gentilmente e lá foi ele.

Schraeder então disse: — Venham, quero mostrar-lhes os quartos.

Enfim quartos! Isto pelo menos prometia alguma coisa. Ele nos levou então a um lugar um pouco afastado do Garcia. Realmente, lá estava o hotel com nossos quartos! Que visão maravilhosa! Uma construção comprida, dividida em várias salas e cujas paredes externas tinham sido lavadas pelas chuvas e enchentes; as tábuas ainda existiam, mas o barro já tinha sido lavado, para o chão e em dias de chuva formava verdadeiro lamaçal. As paredes internas de cada divisão eram formadas por palmitos cortados e amarrados com cipós. Alguns estavam caídos no chão, outros faltavam. Provavelmente alguém as usou para fazer fogo, e o mesmo parece que aconteceu com os caires que nos serviriam de cama. O chão não tinha assoalho, nem ao menos fora alisado. Através do telhado podíamos contemplar o azul do céu, o que parecia bem prático em dias de chuva. Imagine-se ainda detritos de alguns bois que por aqui circularam livremente, e então se tem mais ou menos o quadro do rancho dos imigrantes ou como Schröder se expressava: o salão de recepção.

“Bem, agora vocês precisam se instalar como puderem”. Com estas palavras o senhor Schröder entregou esta maravilha a nós e se retirou.

Agora lá estavam os imigrantes, não sabendo se deviam rir ou chorar. Mas logo viram que nada lhes restava a não ser, pôr mãos a obra. E vejam: foi melhor do que muitos pensaram. Alguns vizinhos ainda vieram ajudar e até o escurecer tudo estava abrigado. Ainda faltava muito para tornar o rancho mais ou me-

nos habitável, mas para os primeiros dias daria.

Quando a noite chegou e para nós o dia memorável terminara, sentados ao ar livre, todos nós nos sentíamos possuídos por um sentimento estranho. Pois a primeira noite em terras da nova pátria era o dia de Natal!

Repentinamente reinou em estranho silêncio; só vez ou outra ouvia-se um ruído que mais parecia um soluço. Mas foi então que se ouviu primeiro baixinho, depois mais alto, em qualquer lugar na escuridão sendo entoada a canção de Noite Feliz. Era impressionante o devoto entoado para o céu estrelado e livrou todos os presentes da angústia que sentiam.

Nos caminhos de descobrimento

Na tarde do dia seguinte, meu pai, com Goldener meu irmão Theodor e comigo fez um passeio até o outro extremo da cidade. Tínhamos que cruzar o rio Garcia. Na margem encontramos uma mísera balsa que estava amarrada a um cipó com o qual tínhamos que nos puxar de um lado para o outro. Goldener e nós dois rapazes usamos a balsa; meu pai preferiu atravessar o rio a pé. A água lhe chegava até os joelhos. Subimos o Itajaí por uma estreita picada, cheia de raízes e buracos. Às vezes encontrávamos uma árvore caída. Em algumas clareiras encontramos ranchos. Alguns estavam prontos para ser habitados, outros só começaram e estavam esperando pela conclusão. Pessoas não vimos em nenhum lugar. Eles devem ter ido para o centro da cidade por

causa do feriado. De plantações pouco se via. Um pequeno canto com feijões, um pouco de milho e num outro lugar bonitas batatas. Em breve a trilha nos levava para a floresta. Quando a ultrapassamos, vimos uma grande clareira e um riacho que cruzava nosso caminho. Esta era a Velha. Estávamos no ponto em que o Dr. Blumenau começou sua fundação. Mais tarde ele mudou o ponto de apoio para a embocadura do Garcia. Na Velha ainda existia um rancho bastante grande cercado por árvores frutíferas e um gramado. Também aqui não vimos nem gente nem animais. Chamamos mas ninguém respondeu. Assim, continuamos nosso caminho. No outro lado da Velha só havia capoeira, sinal de que aqui antes já havia existido uma roça.

Como o céu começou a se cobrir e parecia ser uma trovoadas, resolvemos voltar. Nós não ouvimos trovejar, e, como no céu não havia nuvens, não estávamos com pressa. Nós ainda não conhecíamos as trovoadas de Blumenau na época de Natal. Repentinamente uma parede escura, surgiu no horizonte e em poucos minutos o lindo e claro dia se transformou em noite. Ouvimos o rugir do vento que arrastava com velocidade as pesadas nuvens. Antes que pudéssemos achar abrigo o temporal nos alcançou. Em menos de cinco minutos estávamos molhados e raios entrecortavam o estrondo do trovão. Às vezes o raio caía tão próximo de nós que, assustados, parávamos a caminhada.

— Eu preciso confessar, disse Goldener: Nestes momentos, este negócio não me agrada.

Meu pai silenciava. Ele estava em situação pior que nós, porque em seus óculos caía a água, e toldava sua visão, dificultando sua caminhada. Nós, rapazes, tremíamos de medo. Mas nossa angústia estava chegando ao fim, pois tão depressa como a trovoadá chegara ela também desapareceu. Agora um novo espetáculo da natureza nos deslumbrava, uma metade do horizonte estava envolta numa neblina como a noite onde relâmpagos se sucediam; enquanto a outra metade brilhava no mais belo sol.

Mas nós tínhamos nos atrasado um pouco e o sol já estava se pondo. Por isso apressadamente nós nos dirigimos ao Galpão dos imigrantes. Mas quase que tivemos de passar a noite num rancho. No alto do Garcia a trovoadá deve ter sido muito grande, porque quando chegamos ao local da balsa, mal reconhecemos o rio Garcia. O rio baixo transformara-se num rio caudaloso, que passava com enorme velocidade diante de nossos olhos. A força da água era tanta que ela projetava-se até o meio do rio Itajaí e ali permanecia por alguns minutos parada.

Mas onde estava a balsa? O cipó arrebitado logo nos mostrou o que acontecera: a água a tinha levado. Também de nada nos serviria, nem era possível imaginar atravessar agora o rio com a balsa.

Como no entanto víamos que o Garcia continuava a subir. Goldener e meu pai resolveram voltar e pernoitar na primeira choupana que encontrássemos. Justamente nesse momento, apareceu uma canoa na curva do rio dirigida por Chico Marco e o cabo

dos caçadores de Bugres. Se aproximaram de nós, mas somente de um a um nos podiam transportar, para o outro lado do rio. Goldener foi o primeiro a ser convidado, mas ele não queria ir nem por nada, embarcar na canoa frágil e balançante. Mas não tínhamos tempo a perder. Assim meu irmão e eu que contávamos por um homem foram embarcados primeiro. Meu pai no entanto só o consentiu apreensivo, mas confiava na perícia dos dois canoieiros, e também não se enganara. Eram os melhores canoieiros que podiam ser encontrados naquele tempo em Blumenau. Nós tivemos que nos sentar no fundo da canoa e segurar nas bordas da mesma. O cabo nos fez entender que devíamos fechar os olhos, quando sentíssemos medo. Isto agora não aconteceu, pois não conhecíamos o perigo. Esta travessia para nós era uma delícia.

Os dois soldados remaram um grande trecho rio acima e depois, com muita destreza cruzaram a correnteza. O maior perigo consistia na madeira flutuante e que na maré lamacenta não era visível. Felizmente chegamos a outra margem. Então foram buscar meu pai e também com segurança. Quando Goldener viu que os canoieiros eram confiáveis, ele se tomou de coragem e embarcou como último. Estava em tempo! A noite caíra e nos forçava a pressa. Também na terceira vez tudo correu bem.

Os dois canoieiros estavam exaustos pelo esforço e arquejavam. Fizeram um ato de bravura e destreza. Meu pai presenteou o cabo com um canivete de diversas lâminas e Chico ganhou

de Goldener um lenço de seda. Não podíamos distinguir qual dos dois ficara mais contente. Ficaram contentes como crianças e saíram correndo mostrá-las aos colegas. Agora também sabemos que Dr. Blumenau pessoalmente convidara os canoieiros a nos socorrer, depois que nossos companheiros de viagem o tinham informado.

Audiência com Dr. Blumenau

No dia seguinte, haveria grande audiência com o Dr. Blumenau. Os companheiros que chegaram antes de nós a Blumenau já tinham sido atendidos pelo diretor. Meu pai, Goldener e Nante esperaram até o final. Dr. Blumenau era curto e preciso. Com a lista de passageiros na mão conferira esta com o que ouvia e fazia anotações quando alguma coisa não conferia. Então ainda dava informações onde os imigrantes podiam escolher terras, dava alguns bons conselhos e os reunidos eram dispensados.

Agora se apresentou Nante. Ele se preparava para este momento festivo. Em sua mão esquerda segurava encabulado uma carta que com uma inclinação da cabeça entregou ao Diretor. Este a abriu apressado e leu rapidamente e disse: Larifari. Queima isto! Com estas palavras devolveu a carta a Nante, fixou-o por um momento e disse de repente: Mostre-me sua mão.

Nante que não sabia o que este convite significava e estendeu-lhe a mão aberta.

“Ah, muito bem, muito bem! Vejo que não tem calos. Calosidades são a melhor recomenda-

ção para Blumenau. Não são preciso cartas. Lembre-se disto!

Nante estava despedido. Todo embaraçado tropeçou para fora. Diante da porta rasgou a carta de recomendação e pisou em cima dos pedaços. Toda a esperança de um cargo na direção, fora por água a baixo.

Calos! Calos! Imitava ao Diretor ironicamente. Portanto trabalhar Brrr, antes prefiro a vida toda... O resto se perdia num murmúrio, porque muitas pessoas tinham ficado atentas.

Enquanto isto Goldener entrou no exame e foi aprovado:

— Foi comerciante?

— Só empregado Senhor Diretor.

— Empregado, empregado, não sabe falar alemão?

— Sim senhor! Verdedor de balcão.

— Muito bem assim. Sabe trabalhar?

Goldener no momento não sabia o que responder, mas disse então bem claro: Até agora somente com a caneta, senhor diretor.

— Escritores, não preciso, respondeu este com certa grosseiria.

Mas Goldener não se deixou abater tão facilmente como Nante. Mostrou-se à altura do diretor, dizendo:

— O senhor, na Alemanha, não andou também com o facão na cintura, senhor diretor, respondeu um pouco aborrecido com a denominação “escritor”.

— O que quer dizer com isto? perguntou o diretor severo.

— Eu quero dizer, que aqui que o senhor chama de “trabalhar”, também teve que aprender aqui primeiro, bem como

qualquer outro que ainda aqui aprendeu a servir-se do machado, mas que tem a boa vontade de aprendê-lo.

— Ah bem! Muito bom! O senhor então quer ser colono?

— Não pois só possuo mais alguns réis.

— Hm, Hm! O senhor me agrada porque é curto e claro; parece ter coragem. Também quero ser bem claro com o senhor e dizer que aqui por ora não encontrará mais que trabalho duro, preocupação e resignação e que o trabalhador mais simples, suporta mais depressa do que nós. Dizendo isto olhava também para meu pai. Este quis responder alguma coisa, mas dr. Blumenau lhe cortou rapidamente a palavra. — Já sei, já sei, o que quis dizer. A coragem moral não o faz sozinho, podem crer, mas nós podemos experimentar!

Então se virou outra vez para Goldener: o que quer começar primeiro?

— Eu quero procurar trabalho e conhecer o trabalho aqui.

— Muito bem elogiou o Diretor, venha no decorrer da semana, procurar-me outra vez. Estendeu a mão a Goldener para a despedida.

Como último meu pai foi ouvido.

— Já sei, disse em sua maneira curta o diretor. O senhor é o senhor Kleine, certamente também não aprendeu a usar o machado! Será difícil, muito difícil: óculos, esposa delicada, não combina muito com colono. Pode acreditar, ou tem outro plano?

— Por enquanto não, senhor diretor. Eu gostaria de adquirir próximo ao centro um pequeno pedaço de terra.

— Pode receber no Vorstadt ou aqui; é minha terra particular, mas claro, se puder pagar! Não posso dar crédito, não tenho mais nada. Tudo entreguei, somente não a confiança! O senhor pode me entender?

— Completamente, senhor doutor. Um pouco eu poderia pagar agora, talvez a metade; porque de todo sem dinheiro não posso começar. Também não tenho mais grande reserva. A inesperada permanência em Hamburgo, como a viagem toda, custaram bem mais do que calculara.

— Sim, sim, eu conheço isso. Mas ainda tem alguma fonte na Alemanha?

— Eu espero meu cunhado, um rico farmacêutico que quer começar comigo aqui alguma coisa.

O doutor balançou a cabeça e disse:

— Isto não é nada, talvez nem venha ou escolha um outro caminho. Não confie nele. Pessoas ricas têm suas próprias idéias e não perguntam muito pelo cunhado pobre.

Meu pai procurou defender nosso tio, dizendo que era um homem honrado e de palavra.

— Acredite sim, mas como digo, pessoas ricas têm suas manias, repetiu o diretor e completou sorrindo! Além disto farmacêuticos ricos! Então continuou em tom comercial: Vá ver a terra no Vorstad; eu lhe darei um guia, ou talvez vá eu mesmo. Quanto artes, melhor para o senhor!

— Certo, eu virei amanhã ou mais tardar depois de amanhã.

— Muito bem, mas o que ainda quer perguntar, o que

trouxe de objetos? Investigou o diretor.

— Bem, temos algumas caixas com coisas boas, por exemplo: roupa de lã, toalhas de mesa, cortinas, camas, porcelanas...

— Chega, exclamou o Dr. Blumenau, aborrecido. Objetos de uma boa sala não ficam bem num rancho de palmitos.

— Talvez possa vender os objetos? — perguntou meu pai baixinho.

— Aqui? Na floresta? Aqui ninguém lhe dará por isto uma fatia de pão. Bobagens, nada mais que bobagens.

— Temos também prataria, interrompeu meu pai, e também um pouco de jóias semi preciosas.

— Assim, assim... Isto já seria mais fácil de converter em dinheiro. Mas não em Blumenau. Quem compraria aqui? Precisa ir com isto a Desterro, ou entregá-lo a um homem de confiança que o venda. Bem, vamos ver. — Até amanhã então.

Com estas palavras o Dr. Blumenau encerrou a audiência.

Pensativo e arrasado, meu pai foi para casa, para pôr minha mãe a par da conversa. Não, não, esta o consolava. O irmão Julius tem palavra, e se não, Deus ainda está acima de nós. Ele nos guiou até aqui e nos guiará também no futuro!"

Tradução: Edith Sophia Eimer)

Congratulações que nos honram e incentivam

O Diretor Executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau" recebeu do Presidente da Câmara Municipal de Vereadores, o seguinte ofício:

"Blumenau, 16 de junho de 1989. — Senhor Diretor: — Em atenção ao requerimento nº. 145, do Vereador Arlindo A. de Franceschi, tenho o grato prazer de comunicar-lhe a inclusão, em Ata, de um voto de congratulações à Fundação "Casa Dr. Blumenau", pela edição do livro "Acib — Blumenau, 90 Anos de Memória".

Pela feliz iniciativa, transmito-lhe os parabéns do Legislativo Municipal e me subscrevo com protesto de distinta consideração. Atenciosamente — Hasso Rolf Mueller, Presidente"

A esta mensagem, que muito nos honra, deixamos os agradecimentos desta instituição que muito tem recebido, nestes anos, de apoio para as suas iniciativas. O reconhecimento ao nosso trabalho servirá, assim, como importante estímulo a que outras iniciativas que sempre visem o engrandecimento do conceito cultural e histórico de nossa cidade, sejam adotadas, contando com apoio e incentivo desta natureza que nos darão forças a vencer todos os obstáculos que se tenha de enfrentar para chegarmos aos resultados objetivados.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

BIOGRAFIA DE UMA CIDADE

A biografia é o complemento de uma existência produtiva. Ela dá a visão geral de uma vida, ajuda a compreensão da obra, interpreta as ações da pessoa, concorre, enfim, para a perenização de alguma realização importante. É através dela que se reproduzem os caminhos palmilhados pelo biografado, justificando às vezes posições julgadas incoerentes ou incompreensíveis para os contemporâneos, revelando motivos que não puderam ser percebidos na época. Assim, por exemplo, quando um R. Magalhães Jr. se abalança a reconstituir a vida de João do Rio, está colaborando não apenas com a preservação da memória do escritor mas também para manter vivo o interesse pela sua obra. Embora esse não fosse o propósito, existem biografias cuja qualidade literária superou em muito a produção do biografado. E muitos autores houve, como também artistas, políticos, cientistas, juristas, diplomatas e outros, que escreveram eles próprios suas biografias, adiantando-se na prestação do depoimento sobre a existência que levaram e aquilo que realizaram. Claro que tais autobiografias são encaradas com alguma reserva, pois a tendência humana é retratar-se como desejamos ser vistos pelos pósteros, o que não impediu que as memórias de alguns superassem sua obra de criação e com elas seus autores angariassem lugar definitivo no mundo das letras. Foi o que aconteceu, para citar apenas um, com Gilberto Amado, cuja celebridade decorre do jeito saboroso como soube narrar a própria vida.

Mas, tal como os escritores que se entregam a biografar indivíduos, existem os que preferem erigir "biografias" de cidades. Foi o que aconteceu com Luís Edmundo e o Rio de Janeiro, Câmara Cascudo e Natal, Jorge Amado e Salvador e, aqui entre nós, J. Ferreira da Silva e Blumenau e José Finardi e Ascurra. Todos eles, movidos pelo amor à terra natal, se entregaram ao levantamento dos fatos relacionados às suas cidades, tornando-as com isso mais conhecidas, compreendidas e queridas. Essas obras se integraram ao patrimônio cultural dessas cidades e constituem fonte permanente de informação sobre elas.

Surge agora mais uma importante crônica desse gênero e outra cidade catarinense encontra seu "biógrafo". Refiro-me ao livro "Alto Biguaçu — Narrativa cultural tetrarracial", de autoria do Padre RAULINO REITZ (Lunardelli/UFSC — 1988), em que o conhecido cientista catarinense investiga o município de Antônio Carlos, sua cidade natal, desde os primórdios até os dias de hoje. O aparecimento do alentado volume coincidiu com as comemorações dos 25 anos da criação daquela comuna da região de Biguaçu.

Baseado em extensa bibliografia e investigações pessoais, em que abundam os depoimentos e as entrevistas, documentos, fotos, desenhos e mapas, conseguiu o autor radiografar sua cidade de todos os ângulos e de forma definitiva. Dividido em cinco partes (o povo, o município, a paróquia, o patrimônio natural e verbetes biográficos), o livro nada despreza, por pequeno que seja, na convicção de que nada existe sem importância nas realizações do homem.

Na primeira parte, historiando a ocupação humana da região, o cronista chega a emocionar com a vivacidade que consegue dar aos fatos. O leitor vive com eles as dificuldades e as vitórias dos pioneiros na criação da comunidade com que sonharam e para onde confluíram as quatro raças: alemã, açoriana, angolana e libanesa, esta em menor quantidade e bem mais tarde. É tal o "clima" recriado que o escritor Salim Miguel, comentando a obra, confessa: "De repente esqueço o texto: ele me devolve a infância. Me (re)vejo em Alto Biguaçu, em pleno clima de meu conto "Outubro, 1930". Efeitos desse tipo não são próprios do ensaio, nem tampouco buscados pelo ensaísta, mas reservados em geral à poesia ou à boa ficção. Só os alcançam outros gêneros quando repassados de muito sentimento.

Nas partes subsequentes o autor busca e rebusca tudo que respeita à sua terra. Parece que apalpa, cheira, olha, interroga, discute, investiga, acredita e duvida. Nada lhe escapa na construção deste painel admirável. História (incluindo fatos pitorescos que amenizam o relato), formação étnica, cultura, indústria e comércio, vida social, tradições e costumes, geografia, atividades políticas (sem esquecer a ação dos "camisas verdes" e a repressão aos alemães), arquitetura (com o registro de belas igrejas e a curiosa inexistência do "enxaimel"), a paróquia, com suas múltiplas igrejas, capelas, grutas e cemitérios, a fauna, a flora, os peixes, a ecologia e até a inaudita ocorrência de um terremoto, em 1939. O volume se fecha com os dados biográficos das mais expressivas figuras locais e regionais.

Como procurei mostrar, o autor sobrepujou os limites da ciência histórica, abarcando mil aspectos, econômicos, sociológicos, políticos, científicos. Mas foi, sem perder a precisão, humano — sobretudo humano. Deixou claro que o homem é o mesmo até nas pequenas comunidades. Superando obstáculos, angústias e incertezas, em toda parte ele luta pela conquista de um mesmo ideal — a felicidade.

NOVOS TÍTULOS

Merecem registro, dentre os lançamentos mais recentes, os seguintes livros: "O Rei da Floresta", de Glauco Rodrigues Corrêa, romance (Editora Lunardelli); "A Cor do Sol", de Luiz Carlos Amorim, poesia, publicado pela CEPEC, Florianópolis; "Circo Aparente da Vida Real", de Roberto Diniz Saut, publicado por Gráfica 43 S/A, de Blumenau, poemas; "Ciranda de Versos", coletânea publicada por Editora Pirilampo, de Petrópolis, de que participa o catarinense de Chapecó, Silvério Ribeiro da Costa. Merece referência ainda o "Guia do

Arquivo Histórico Prof. J. Ferreira da Silva”, publicado pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”, orientando os interessados no uso do acervo daquela instituição.

TRÊS LIVROS

Três novos livros, dois brasileiros e um português, acabam de fazer referência a algum aspecto de meu trabalho, o que me deixa envaidecido. São eles o volume 16 da “Cronologia Pernambucana”, de Nelson Barbalho (Recife), o volume de poemas “Pedaços de Mim”, de Wanda Maria (Vitória) e “Segredo no Meio do Mar”, diário da prisão do escritor português A. Vicente Campinas (Lisboa).

ESCRITORES CATARINENSES

Hermes Justino Patrianova é autor de “Pequeno Livro” (1986), em que ensina as coisas da geografia e da história de nosso Estado, corrigindo erros generalizados; “Consciência na Parapsicologia” e vários outros livros do gênero foram publicados por José de Freitas Filho, grande estudioso e conhecedor do tema; “Um Beijo na Tempestade” e “uma Lua na Solidão” são romances publicados por Cláudio Bersi de Souza. Os dois primeiros residem em Itajaí e o último em Armação do Itapocorói, mas todos são filiados à AESC.

LANÇAMENTOS

Foram lançados os livros “Poetas e Contistas”, reunindo 30 autores de Blumenau e região, na Galeria Municipal de Artes; “A Cor do Sol”, poemas de Luiz Carlos Amorim, nas dependências da A.A.B.B. de Joinville; “Tempo Frio”, contos de Enéas Athanázio, nas dependências da galeria do Rieger Apart Hotel, em Balneário Camboriú.

Registros de Tombo anotados pelo Pe. Jacobs

Pe. Antônio Francisco Bohn

(I)

Com a criação de uma nova paróquia, existe automaticamente um desmembramento religioso de organização paroquial. A partir da data de criação, é necessário que a nova paróquia passe a possuir como próprios os livros de registros de casamentos, batizados, crismas, óbitos, Tom-

bo, contabilidade e outros. As anotações no Livro de Tombo são feitas, quase sempre, pelo pároco. De próprio punho e com bastante liberdade coloca suas impressões a respeito da vida paroquial, dos acontecimentos e, com maior rigor histórico, termos dos ofícios religiosos reali-

zados, atendimentos pastorais, atas e transcrições de provisões e outros documentos providos das autoridades eclesiásticas competentes.

Pela Lei Provincial nº. 694, de 31 de julho de 1873 fica criada a Freguesia de São Paulo no distrito da Colônia de Blumenau, desmembrada da Freguesia de São Pedro Apóstolo (de Gaspar) e tendo como limites os mesmos do distrito colonial. A 8 de fevereiro de 1878, Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro erige canonicamente a paróquia de Blumenau. Os limites da paróquia são: Gaspar, Itajaí, Joinville, Curitiba e Lages e, ao sul, as vertentes do Itajaí-Açu e Mirim.

O primeiro pároco de Blumenau, o Rev. mo Pe. José Maria Jacobs, nasceu a 16 de maio de 1832 em Düren, na Renânia, como filho de tecelão. Com 21 anos de idade entrou na Congregação dos Padres Redentoristas. Depois de ter concluído o curso de Filosofia, foi estudar Teologia no Convento de Cumberland, dos Estados Unidos. Foi ordenado sacerdote na catedral de Baltimore em 23 de dezembro de 1856. Em seguida foi lente de Retórica, Filosofia, Dogmática e Moral. A 15 de julho de 1868 embarcou para a Inglaterra, sendo outra vez lente em Teologia, missionário e confessor. Em fevereiro de 1870, recebeu licença para viver como sacerdote secular, permanecendo algum tempo na Alemanha, depois nos Estados Unidos e França. Em fevereiro de 1876, por ordem do Papa Pio IX foi nomeado vigário da colônia de Blumenau, recebendo o cargo em espírito apostólico.

Chegando ao Brasil, em fins de julho de 1876 foi ter com o Pe. Boegershausen, com quem ficou 7 semanas para se ambientar e aprender a língua do país. A 16 de setembro de 1876, encontraram-se pela primeira vez, dois homens de raro valor: o Dr. Blumenau e o Pe. Jacobs, ambos cultos e bem intencionados, acostumados a vencer dificuldades e a não esmorecer diante dos sacrifícios.

A Igreja Matriz, desenhada pelo engenheiro Krohberger estava quase terminada. Logo após sua chegada o Pe. Jacobs pôs-se a viajar para ver seu povo e as capelas. No dia 24 de dezembro de 1876 foi benta a igreja católica de Blumenau e com a missa do galo começou o culto regular, para o qual os fiéis vinham de distâncias, às vezes, de 40 a 50 km.

Não custou muito ao novo pároco acostumar-se com os imigrantes, boa parte alemães. Assim, tratou logo de iniciar com firmeza o trabalho pastoral, atendimento religioso, visita e construção de capelas, construção de cemitérios, ofícios religiosos. E, para constar, tudo isso vai relatando no livro de Tombo, cujos termos assina e passa assim, à história de nossa região. No 1º. Livro da Paróquia de São Paulo Apóstolo, das páginas 1 a 34, existem 42 termos, os quais o Pe. Jacobs assina e testemunham um pouco da nossa história e deste ilustre sacerdote:

1º. Termo: Bênção da matriz de São Paulo Apóstolo aos 24 de dezembro de 1876.

2º. Termo: Bênção do cemitério de Rio Morto, situado nos fundos da capela de São Fran-

cisco Xavier, aos 18 de dezembro de 1876.

3º. Termo: Bênção do Cemitério da sede da colônia aos 26 de dezembro de 1876.

4º. Termo: Bênção do Cemitério de Nova Westphália, Rio Testo, aos 29 de maio de 1877.

5º. Termo: 1a. Missa Fundada na igreja de São Paulo Apóstolo, aos 10 de julho de 1877.

6º. Termo: 2a. Missa Fundada na Igreja de São Paulo Apóstolo aos 20 de outubro de 1877.

7º. Termo: Bênção da capela de Santo Estanislau na estrada das Areias aos 4 de julho de 1877.

8º. Termo: Bênção do Cemitério do Caminho das Areias (data inalegível).

9º. Termo: Bênção da capela de Santo Ambrósio, da freguesia de São Paulo, aos 17 de abril de 1879.

10º. Termo: Bênção do Cemitério de São Paulo desta freguesia, perto da capela de Santo Ambrósio, aos 17 de abril de 1879.

11º. Termo: Bênção da capela de Santo Antônio na Pommerstrasse, aos 7 de junho de 1879.

12º. Termo: Bênção da capela de Nossa Senhora Dolorosa em Rodeio, aos 3 de junho de 1879.

13º. Termo: Bênção do Cemitério atrás da capela de Rodeio aos 16 de setembro de 1879.

14º. Termo: Bênção da capela da Bem Aventurada Virgem Maria do Santíssimo Coração de Jesus em São Virgílio, de Rodeio, aos 17 de setembro de 1879.

15º. Termo: Bênção do Cemitério atrás da capela de Rodeio

aos 17 de setembro de 1879.

16º. Termo: Bênção do Cemitério atrás da capela provisória de Rio dos Cedros, aos 18 de setembro de 1879.

17º. Termo: Bênção do Cemitério atrás da capela de Santo Antônio na Pommerstrasse, em 20 de setembro de 1879.

18º. Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis in ecclesia parochiali ad S. Paulum, em 1º de março de 1881 (Colocação da Via Sacra).

19º. Termo: Bênção do Cemitério de Aquidaban em Ribeirão da Neisse, em 24 de maio de 1882.

20º. Termo: Bênção da capela do Santíssimo Coração de Jesus e de São José no caminho Tyrolese, em 22 de junho de 1882.

21º. Termo: Bênção do Cemitério perto da capela do Santíssimo Coração de Jesus e São José no caminho Tyrolese, aos 22 de junho de 1882.

22º. Termo: Bênção da capela de Nossa Senhora Imaculada e de São José em Rio dos Cedros aos 17 de outubro de 1882.

23º. Termo: Ato de agregação da Arquiconfraternidade B. Mariae Pietatis de Campo Sancto Urbis omnibus lecturis salutem, aos 25 de abril de 1877. Criada alguns meses antes pelo Pe. Jacobs, esta confraria recebe sua carta de agregação à paróquia.

24º. Termo: Ato de agregação da Sociedade do Santíssimo Rosário, aos 7 de outubro de 1877.

25º. Termo: Bênção do Cemitério novo atrás da capela de São Bonifácio no Encano, aos 22 de julho de 1883.

26º. Termo: Bênção de aditamento do cemitério atrás da ca-

pela em Aquidaban, Ribeirão da Neisse, aos 19 de janeiro de 1884.

27º. Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela da Bem Aventurada Virgem Maria de São Virgílio — Rodeio II, aos 20 de junho de 1883.

28º. Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela da Bem Aventurada Virgem Dolorosa em Rodeio I, aos 16 de janeiro de 1884.

29º. Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela da Bem Aventurada Virgem Maria Imaculada em Rio dos Cedros, aos 18 de dezembro de 1883.

30º. Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela de Santo Estanislau no Caminho das Areias (sem data).

31º. Termo: Bênção da capela de Santa Madalena e de Nossa Senhora do Caravaggio na estrada dos Pomeranos, aos 23 de julho de 1884.

32º. Termo: Bênção do Cemitério atrás da capela de Santa Madalena na estrada dos Pomeranos, aos 23 de julho de 1884.

33º. Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela de Santo Ambrósio (sem data).

34º. — Termo: Actus testimonialis erectionis Viae Crucis na capela de São Bonifácio no Encano (sem data).

35º. Termo: Ato da colocação da pedra fundamental do Pensionato Central de São Paulo de Blumenau, em 22 de fevereiro de 1885.

35º.a Termo: Documento sobre a ereção canônica desta paróquia de Blumenau (Cópia fiel e autorizada).

36º. Termo: Bênção do Cemitério atrás da capela de São José em Guaricanas, aos 30 de março de 1883; termo assinado em 27 de novembro de 1886.

37º. Termo: Bênção da capela de São José em Guaricanas, aos 4 de setembro de 1884; termo assinado em 27 de novembro de 1886.

38º. Termo: Bênção da capela de Santa Ana, em Aquidaban, aos 25 de julho de 1886.

39º. Termo: Actus testimonialis e bênção do cemitério do lote nº. 37 na estrada dos Pomeranos, aos 20 de janeiro de 1886.

40º. Termo: Bênção do Cemitério no lote nº. . . . de Rodeio I, aos 5 de maio de 1887.

41º. Termo: Bênção do additamento do cemitério do distrito de Rio dos Cedros, aos 17 de julho de 1888.

42º. Termo: Cópia da escritura de entrega, de doação e de contrato celebrado entre o Rev.mo Pe. Jacobs e os Franciscanos, em 22 de maio de 1892.

Este foi o último termo assinado pelo Pe. Jacobs. A partir desta data, a paróquia foi entregue aos cuidados pastorais dos padres franciscanos. Eram então 13 as capelas existentes. Em 1º. de agosto de 1892 falecia no Rio de Janeiro o Pe. José Maria Jacobs, primeiro vigário de Blumenau.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

BRUSQUE

Maria do Carmo R. K. Goulart

No Livro de Recordação para o Centenário de Imigração Alemã em Santa Catarina, publicado pela Livraria Central de Alberto Entres e Irmão e composto por Gottfried Entres, às páginas 92/93 contém a pequena crônica intitulada **Brusque**. Abrangendo o econômico e um pouco de social, o autor fez um ligeiro apanhado sobre a cidade retratando em preto-e-branco e numa foto três-por-quatro a fisionomia de Brusque:

"A pequena cidade de Brusque, sede do Município do mesmo nome é um símbolo das colônias alemãs no Sul do Brasil. Está situada a 32 km a sudoeste de Itajaí, no Vale do Itajaí-Mirim, que se estende amplamente entre as colinas vizinhas. A rede de comunicações — cerca de 500 km liga Brusque a Gaspar, Blumenau, Nova Trento, Tijucas e Itajaí.

A parte da cidade, situada à margem direita, a 50 m acima do nível do mar, é alteada por duas colinas. Sobre uma delas se ergue a Igreja Católica e o Colégio das Irmãs, enquanto sobre a outra, se elevam a Igreja Evangélica, a Escola Alemã e a Casa Paroquial. O estilo arquitetônico das casas é geralmente moderno, as ruas são largas e limpas. Uma linha elétrica intermunicipal, da U-sina do Salto em Blumenau, for-

nece luz e força à cidade. Na própria cidade são dignos de menção: o Edifício da Municipalidade, o Prédio dos Atiradores, a Escola Estadual e o Edifício da Sociedade Ginástica, assim como várias casas particulares de vistosa apresentação. O Comércio e a Indústria são representados por algumas firmas importantes e numerosas empresas menores. Um pouco fora do centro urbano, estão situados os prédios da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S.A., uma das mais florescentes empresas industriais do Estado e nos arredores, as pitorescas vilas particulares da Família Renaux. Brusque possui Estação de Correios e Telégrafos e está ligada à Linha Telefônica Nacional e ligada com Blumenau, Itajaí e Florianópolis por linhas de ônibus. Nas vizinhanças de Brusque fica situada Azambuja que possui um Hospital e um Manicômio. A Imprensa é representada pela "Die Rundschau" e "Gazeta Brusquense".

A vida social na cidade de Brusque é promovida por numerosas Sociedades, como a Sociedade dos Atiradores, duas Sociedades Ginásticas, três Sociedades Desportivas e uma Associação Orfeônica. Os produtos principais do Município são: madeira, farinha de mandioca, milho, arroz, açúcar, tabaco, mel, banha, vinho e cal. As mercadorias de exportação são transportadas por caminhões de carga, em parte para Itajaí, em parte para Jaraguá do Sul com destino a Florianópolis, Porto Alegre, Santos, Rio e os portos do Norte do Brasil".

— Que a primeira Exposição Filatélica de Blumenau realizou-se no Teatro Carlos Gomes de 4 a 7 de maio de 1947?

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 17 de agosto de 1867:

Dona Francisca — A sociedade suíça de canto coral "Helvetia", que existe desde 1856, festejou no dia 4 de agosto o seu aniversário de fundação, com a participação da "Sängerbund" (Liga de Cantores), coral alemão, e a presença de numerosos sócios das duas sociedades e de suas famílias. A festa realizou-se no Salão Ravache ricamente ornamentado para este fim, com diversas bandeiras brasileiras, palmeiras, flores e folhagens, no meio das quais havia vários letreiros ostentando versos alusivos ao acontecimento, assim como os dois estandartes, das duas associações. A festa teve início com números de canções patrióticas e de boas-vindas aos presentes, alternando-se as duas agrêmiações na apresentação. O baile foi aberto com uma "polonaise" e, após diversas danças, foram novamente apresentadas canções, pelos corais completos, muito aplaudidas pelo público presente. Fizeram-se ouvir também vários oradores discorrendo sobre a fundação e o desenvolvimento da "Helvetia", e os diversos acontecimentos, que marcaram o período já vivido. Foram feitas comunicações interessantes para o público e apelos, concitando os sócios no sentido de trabalhar para o constante progresso da Associação. . .

(Continua o relato, sobre o animado desenrolar da festa, até alta madrugada).

Notícia de 17 de agosto de 1867:

Dona Francisca. — Em consequência da construção da Estrada Dona Francisca, recebemos visitas, uma após a outra. No dia 7 de agosto chegou a Joinville o senhor dr. José Arthur de Murinelli, tenente de engenharia em companhia de um ajudante, engenheiro da Província, senhor von Hollebeeb, incumbido pelo Governo de supervisionar o novo traçado da Estrada em direção ao Rio Negro e dar o seu parecer sobre o mesmo, apresentando um orçamento do custo da obra. Consta que o Governo recebeu três projetos para a ligação direta da Costa Leste do Brasil Meridional com o Rio Paraná. Segundo o projeto apresentado pelo sr. Rebouças, a Estrada Graciosa deve seguir em direção à colônia Santa Teresa, dali deve ser aproveitado o trecho navegável do Ivai, até o ponto mais distante possível e, mais adiante, a corrente navegável inferior do Tibagi, a fim de alcançar o Paranapanema, para chegar ao Mato Grosso. O outro projeto, elaborado pelo senhor Tourinho, propõe levar a nossa Estrada da Serra até Rio Negro, aproveitando dali em diante a parte navegável do Rio Negro e a

do Iguaçú até Porto União e, deste último ponto, em direção ao Norte, fazer a ligação com o Ivaí e o Tibagi. O terceiro projeto elaborado pelo senhor Murinelli, coincide com o anterior, até Porto União, mas dali em diante segue em direção Oeste, com uma estrada ao longo do Iguaçú, até a confluência do Rio Paraná, a fim de, na divisa com o Paraguai e a Argentina (Corrientes), estabelecer uma base militar e um estaleiro. O senhor Murinelli, que até há pouco esteve nos campos de batalha do Paraguai, teve ocasião de conhecer a região, convencendo-se da excelência do ponto para tal empreendimento. De qualquer forma, o local indicado é da maior importância pois limita-se com duas regiões estrangeiras — ao Oeste o Paraguai e ao Sul Corrientes (Argentina), por ser, de toda a linha limítrofe do Brasil, o ponto mais próximo e de mais fácil acesso com a Costa Leste.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

DIA DAS MÃES

Entre as virtudes que exornam e dignificam o caráter e os sentimentos da criatura, uma se destaca: a gratidão.

Dai porque compus os versos que se seguem. Singelos, sim, porém plenos da mais sadia sinceridade. Eles refletem a gratidão, e também o amor e o respeito que devemos tributar à nossa

MÃE

Mãe, tu me concebeste!
De ti saí para o sol da vida!
Há milagre maior que este?
Não! Minha mãe querida.

Tu me deste a vida e me deste amor!
Me alimentaste no teu seio quente,
O que me fez crescer e me deu vigor.
Mãe, tu me fizeste gente!

Por isso eu canço e exalto a glória
Que é toda tua, doce mãe querida!
Divinal milagre, grande vitória
Da criatura a quem devo a vida!

Nestor Seára Heusi

As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no sul do Brasil

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESER, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICÍNIOS E AGRICULTURA — MATÉRIA TRANSCRITA DO LIVRO DO MESMO AUTOR SOB O TÍTULO "PERGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

(Continuação)

"Como podemos verificar, o sr. "X", para o negócio em Blumenau, elaborou um plano estratégico que em sistema deste género merece a honra. Sobre os meios e caminhos sobre os quais ele procurava se servir, chegamos a uma concepção bem diversa sobre sua pessoa. O dito senhor fala e escreve bem o alemão. Talvez tenha frequentado uma escola alemã, de onde deve conhecer o ditado usado por Tell, em seu famoso manólogo, o qual empregou várias vezes em sua vida e também empregou em Blumenau:

"Por esta ruela deve passar
Nem outro caminho leva a
[Küssnach

Aqui eu quero
A oportunidade se apresenta
Faça sua conta com os céus
Embora tens que ir
Seu relógio parou".

Tenho que dizer aqui que este senhor já anteriormente tinha visado Blumenau. Naquela ocasião, eram os colonos que ele pretendia salvar. Se agora a cabeça pomerana era muito dura ou eles desconfiaram de suas intenções, não vamos discutir. Só sabemos que o senhor "X" tão rápido como surgiu, também de-

sapareceu. Este foi o primeiro golpe; o segundo segue. Nem bem em casa um novo plano foi elaborado e certo dia um dos exportadores de manteiga mais importante, veio com uma proposta escrita, convidando-o a fazer um negócio grande com ele no comércio da manteiga e que visava o modesto propósito de monopolizar este negócio em todo o Brasil e só ficaria canalizado em mãos reduzidas. O comerciante, de grande conhecimento, também reconheceu de imediato as manobras do senhor "X" e respondeu negativamente. "A vingança é doce; um dia os pego, pensou o senhor "X" e seu cálculo era certo.

Fundação do Sindicato de Ordenhadores Blumenauenses

As casas de estocagem nas cidades estavam cheias, com nossa manteiga. As nossas aqui também estavam cheias até o teto e a colônia continuava a fornecer mais e mais e não sabíamos mais onde colocá-la. Foi então que surgiu a notícia de um método mundial patenteado de uma fórmula de transformação da manteiga. O mercado leiteiro tinha alcançado uma grande meta e se nós quiséssemos fundamentar

nossa produção estaríamos de imediato livres de qualquer preocupação. Futuramente a estocagem da manteiga e queda de preço não mais aconteceria e pelo novo método alcançaríamos uma estabilidade permanente. A excelente qualidade do produto baseado numa descoberta francesa eliminaria de imediato a concorrência além-mar e a oferta e procura aumentaria. Também a agricultura teria um grande apoio e o preço teria uma estabilidade o ano todo para o colono. O colono se dedicaria bem mais ao gado leiteiro, sabendo que o preço da manteiga seria de 1\$800 por quilo garantido.

Esta armadilha o sr. "X" armou sabiamente para os comerciantes, aos quais declarava que o negócio da manteiga continuaria naturalmente o mesmo e não sofreria alteração.

Quando o sr. "X", tão ansiosamente esperado, aproximava-se de Blumenau, os grupos de comerciantes interessados chegaram à conclusão que deveriam receber dito senhor com certa reserva. Também como oposição queriam mostrar que não se entregariam tão facilmente. Bem no fundo do coração pensavam de modo diferente. Em primeiro lugar o sr. "X" deveria salvá-los nesta difícil situação da manteiga e em segundo todos estavam convictos da força comercial deste homem. De qualquer maneira, o apoio de bancos fluminenses e grandes comerciantes, ele possuía, isto sabiam. Portanto, de um lado enfrentavam a necessidade e de outro tinham a certeza de uma comercialização sem problemas e desta forma não demorou muito para que o sr. "X" se

tornasse dono absoluto da situação.

Começou seu trabalho procurando os exportadores pessoalmente, expondo-lhes seus planos. Isto não precisava de uma persuasão mais convincente perante nossa difícil situação. Já poucos dias mais tarde, vinte firmas e muitos particulares compareceram a uma reunião para discutir a constituição das ações do sindicato de ordenhadores. O poder da palavra e as respostas formuladas por uns poucos ele respondia de imediato, desfazendo qualquer dúvida. Mais três ou quatro reuniões foram necessárias e a Companhia Blumenauense de Laticínios (endereço telegráfico Nata Pura) — com um capital de 120 contos de réis (150 mil marcos), tornou-se realidade, e desta forma o sr. "X" tinha a maioria dos exportadores blumenauenses em suas mãos.

O propósito da Companhia era comprar a manteiga dos colonos e esta na fábrica de manteiga submetê-la a uma renovação por um método patenteado do senhor "X" e tornar assim a mesma de uma qualidade tal como é exigida na mesa de uma grande parte de brasileiros.

O capital das ações já em mãos deveria ser dividido da seguinte forma: 30 contos para a aquisição dos direitos da reforma da manteiga no Município de Blumenau; 30 contos para a construção da fábrica; 30 contos para as instalações e 30 contos para o capital de giro.

O plano de divisão do capital não foi grande problema para o sr. "X", mas não era de espantar que na prática não corriam as coisas tão bem.

1) — O USO DA PATENTE
— Algumas pessoas não queriam acreditar no valor, na autenticidade, preço de compra e aproveitamento do mesmo, mas apesar de todas as dúvidas do preço de

compra da patente, não podiam fugir. Desta forma os maiores cederam e com muitos suspiros desembolsaram os 30 contos de réis (cerca de 37 mil marcos). (continua no próximo número)

Cruz e Souza, o poeta negro

ELLY HERKENHOFF

Muito se tem escrito sobre a obra de Cruz e Souza, que foi um dos principais representantes no Brasil, do simbolismo iniciado no fim do século passado na França, por Mallarmé e Verlaine, e muito se tem elogiado o seu estilo, a sua linguagem, a sua força de expressão, mas pouco, relativamente pouco diante do muito que representa a sua obra, se tem divulgado a respeito do homem Cruz e Souza, da pessoa humana Cruz e Souza, que viveu tão pouco, para nos deixar tanto.

Filho de pais escravos, nasceu a 24 de novembro de 1862 e faleceu, com apenas 35 anos, em Minas Gerais, a 19 de março de 1898 — 10 anos após a Abolição.

Em março de 1923, por ocasião do vigésimo quinto aniversário de sua morte, a "Revista da Semana", editada no Rio, dedicava uma página inteira ao poeta catarinense, sob o título "A Glorificação de Cruz e Souza", terminando com as seguintes palavras:

"Poeta Negro! Sublime na sua Arte! Os seus versos feitos de lágrimas, são rosários de pérolas, que fulguram iluminadas pela luz do seu gênio imortal.

Prosador Negro! Inimitável no seu estilo! A sua prosa, feita de agonia e desgraça são pedaços de sua alma incompreendida, que através do tempo nos aparece nimbada pela resplandescente auréola da imortalidade.

Celebremos com a sincera homenagem da nossa imorredoura lembrança e da nossa crescente admiração. O pungitivo aniversário da morte do poeta catarinense, o genial autor do "Missal" e dos "Broquéis" e tantas outras fulgurações de seu espirito iluminado".

Sim — feitos de lágrimas, sonetos como este:

VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres,
e chegaste ao saber de altos saberes,
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos,
sei que cruz infernal prendeu-te os braços,
e o teu suspiro como foi profundo!

Muito valioso é o depoimento de um de seus maiores amigos, Lima Rodrigues que, nos anos de 1890 a 92, trabalhava como chefe da contabilidade de uma grande firma construtora no Rio de Janeiro, onde veio a conhecer Cruz e Souza. Assim se expressa Lima Rodrigues:

“Nessa empresa construtora eu tinha como auxiliar Virgílio Varzea que, leal companheiro, em breve se me tornou íntimo. E, da intimidade dele, nasceu, para mim grata e sem incidências, a de Cruz e Souza, seu velho amigo dos primeiros tempos de jornalista em Santa Catarina. Velho aqui é eufemismo, porque éramos, os três, moços e solteiros.

Em regra, findo o serviço, saíamos juntos, à tardinha — eu e o Varzea — para encontrar o Cruz que já devia estar nos esperando na Livraria Magalhães, à rua do Ouvidor. Formada a trinca, íamos ao Largo de São Francisco ou ao Rocio, pairar um pouco em qualquer café. Por comprazer com o Poeta-Negro, estando com ele, não entrávamos na Confeitaria Pascoal. Cruz e Souza evitava aquele rebuliço algazarrento de gastadores enfatuados e moças alegres, formando grupos em que a tagarelice se confundia em francês, italiano, espanhol ou português arrevesado. Era natural que elas, estrangeiras, brancas, crivassem de olhares curiosos o pretinho asseado que, por pudicícia, fugia de encará-las. Cruz e Souza era pudico como uma noviça e demasiado retraído...”

E mais adiante:

“O Poeta-Negro, sem ser retinto, era bem preto. Não creio, entretanto, que ninguém tenha tido mais candura na alma e no trato. Discreto até no sorrir, posto que os dentes, muito brancos e bem arrumados, resplandescessem, traíndo-lhe o sorriso.

Cruz e Souza trazia sempre o traje escrupulosamente cuidado, preferindo as cores claras. Emocionado, piscava repetidas vezes, tor-

— O Homem foi feito no final de uma semana de trabalho, quando Deus já estava cansado — Mark Twain.

nando-se ligeiramente gago. Era de uma delicadeza cativante e, como amigo, a sua lealdade, nem por suspeição, seria posta em dúvida.

Preto Nobre! Preto digno, entre os homens mais dignos!”

E aqui, para finalizar, um dos mais representativos sonetos de Cruz e Souza:

TRIUNFO SUPREMO

Quem anda pelas lágrimas perdido,
sonâmbulo dos trágicos flagelos,
é quem deixou para sempre esquecido
o mundo e os ouropéis mais belos!

É quem ficou do mundo redimido,
expurgado dos vícios mais singelos,
e disse a tudo o adeus indefinido
e desprende-se dos carnavais anelos!

É quem entrou por todas as batalhas,
as mãos e os pés e o flanco ensangüentando,
amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando,
e entre raios, pedradas e metralhas,
ficou gemendo, mas ficou sonhando!...

Biblioteca Pública de Blumenau lembrando datas e promovendo concursos

A Fundação “Casa Dr. Blumenau” através da Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller e Biblioteca Ambulante, lançou dois concursos destinados a seus usuários e amigos. Em março, alusivo ao **Dia do Livro**, dia 19, lançou um concurso tendo por tema o livro, promoção esta que contou com o apoio da AESC — Associação dos Escritores de Santa Catarina, núcleo de Blumenau. Os participantes do concurso apresentaram um ou mais trabalhos realizados em conjunto, ou seja, um redator e um ilustrador. Inscreveu-se um número bastante expressivo

de textos ilustrados, notadamente de escolares que frequentam a Biblioteca Pública e das escolas visitadas por sua unidade móvel (Biblioteca Ambulante).

Selecionados os melhores trabalhos, classificaram-se os seguintes escolares: em 1º. lugar Gilmar Sadzinske e Ivonei Hafeman, da Escola Treze de Maio Baixo; em 2º. lugar, Milena Sadzinski e Martirha Sadzinski, da Escola Treze de Maio Baixo; em 3º. lugar Sidnei Mafra, usuário da Biblioteca Pública; em 4º. lugar Alexandra Daniela Dauer, da Escola Itoupava Rega Central; em

5º. lugar Cristiane Pasold, da Escola de Itoupava Rega Central.

Os alunos premiados receberam livros oferecidos pela AESC (leia-se Roberto Diniz Saut) e certificados entregues pela Fundação "Casa Dr. Blumenau".

"Hors-Concours" (não disputando prêmios) participaram da promoção Elias Roell Júnior e Valmir Vicente dos Santos.

Duas boas revelações dezenhísticas ainda não conhecidas do público. Ambos autodidatas, desenvolvem a técnica do lápis sobre papel.

Elias Roell Júnior, blumenauense, 15 anos, recém-admitido no serviço de encadernação da Fundação "Casa Dr. Blumenau", apresentou um trabalho (espécie de álbum) reunindo textos e desenhos de sua autoria. Os textos, em prosa e verso, são de natureza intimista, discorrendo sobre experiências, observações e sensações vividas pelo autor. Mas é no desenho que está a força maior de sua expressão artística. Baseado apenas em seu talento e aptidão natural, sem jamais ter frequentado qualquer

curso ou escola de desenho, Elias resolve satisfatoriamente seus trabalhos, identificando-se com as tendências clássicas do traço desenhístico. Sem optar por tema único, o artista percorre tanto os panoramas paisagísticos, especialmente de natureza bucólica, como também revela forte tendência para o retrato e a caricatura.

Valmir Vicente dos Santos, 25 anos, desenvolve um trabalho mais despojado, afastando-se bastante da linha e do contorno clássico do desenho. Também apresentando, encadernado, textos em prosa e verso, sua linha de pensamento apoia-se mais na análise e na conduta humana, com conotações nitidamente filosóficas. Por outro lado, seus desenhos, divorciados das regras e linhas acadêmicas, resultam mais ágeis, inventivos, mais identificados com as tendências contemporâneas do desenho e das artes em geral. Convidados pelos promotores do concurso, Elias e Valmir mensalmente terão trabalhos seus expostos na Biblioteca ilustrando datas e efemérides lembrados pela instituição.

Aconteceu...

MAIO de 1989

DIA 1º. — A pianista inglesa Marguerite Wolff, apresentou-se no Teatro Carlos Gomes, executando, entre outras, peças de Liszt e Chopin.

* * *

DIA 1º. — Com vasto programa de festividades, o Conjunto Educacional Pedro II comemorou seus 100 anos de atividades, desde sua criação que foi com o nascimento da antiga Escola Alemã a 1º. de maio de 1989 e, que se denominava NEUE SCHULE.

* * *

DIA 2 — Com um culto ecumênico além de outras importantes solenidades, a FURB — Fundação Universidade Regional de Blumenau — comemorou a passagem de seus 25 anos de início de atividades, durante curto espaço de tempo, proporcionou à juventude da região a oportunidade de obter formação universitária em numerosos cursos.

DIA 3 — A imprensa de Blumenau (JSC) dá destaque a extraordinária conquista da atleta blumenauense Ivaná Henn, que bateu o recorde sulamericano de marcha atlética no Troféu João Carlos de Oliveira, realizado em Curitiba.

DIA 4 — Como resultado da 11ª. Campanha de Arrecadação de Agasalhos destinados as pessoas carentes de Blumenau e de Gaspar, promovida pelo 5º. Distrito de Escoteiros e iniciada no dia 25 de abril, foram arrecadados nada menos do que 30 (trinta) mil peças de roupas, que serviram para o abrigo dos necessitados. A campanha contou com a participação de 800 pessoas e mostrou, mais uma vez, nos onze anos de atividades desta natureza, que o coração humano ainda continua bastante generoso. Saudações afetivas aos que atuaram.

DIA 7 — A imprensa (JSC) noticia que, apesar das águas do Itajaí não terem causado maiores consequências pelo nível que atingiu, houve sérios prejuízos em toda a região do Vale, inclusive com rodovias, devido às fortes enchurradas que provocaram desmoronamentos, ameaçando muitas residências.

DIA 7 — O técnico blumenauense Ivo da Silva, especializado em Marcha Atlética, foi convocado pela Confederação Brasileira de Atletismo para dirigir os atletas na Copa do Mundo desta modalidade na Espanha.

DIA 14 — As águas que voltaram a cair na região do Vale do Itajaí, trouxeram novamente preocupações às populações de diversas localidades, inclusive Blumenau. Graças ao trabalho das barragens de Taió e de Ituporanga, no entanto, foi possível contornar as ameaças, fazendo-se com que o nível do rio Itajaí-Açu chegasse apenas à marca de 7,68 centímetros.

DIA 18 — Dentro do Programa TECNINFO/89, realizou-se no Teatro Carlos Gomes, a apresentação dos tecladistas Carlos Trilha e Paulo David, que foram muito aplaudidos.

DIA 21 — Uma séria ameaça de meningite meningocócica começou a preocupar seriamente a classe médica blumenauense e todo o setor de saúde pública, iniciando-se uma série de esclarecimentos e orientação ao público.

DIA 22 — Sensacional luta de box aconteceu no ginásio do SESI, em Blumenau, e de âmbito internacional, reunindo o campeão sulamericano, o brasileiro Adilson Maguila e o não menos famoso boxeador Mike Rouse, dos Estados Unidos. A vitória final foi do campeão brasileiro, que, apesar de ter ameaçado várias vezes o nocaute no adversário que chegou a ir a lona, acabou vencendo por pontos. A luta foi presenciada por milhares de assistentes que lotaram as dependências do SESI.

Sobre o caráter alemão no sul do Brasil

Um estudo de Dr. Wilhelm Breitenbach. (Fichado na Biblioteca "Dr. Fritz Müller sob o nº. 46.054 — Blumenau — Santa Catarina).

Editado em Hamburgo pela Editora I. F. Richter — 1887.

"Quando um organismo é retirado do ambiente no qual até agora vivia e transferido para um novo, a ele mais ou menos desconhecido, ele pode e mesmo deve por leis físicas fisiológicas enfrentar o seguinte: ou seu organismo com o novo ambiente se habitua ao mesmo, ou ele afunda na luta pela sobrevivência, seja rápido ou devagar. Assim como uma planta tropical que é transportada para uma região fria. Quando o organismo se habitua ao novo meio ambiental ele próprio sofre uma transformação e após certo espaço de tempo surgiram novas variações de seu próprio ser. A flexibilidade das formas orgânicas, isto é, sua adaptabilidade aos diversos ambientes e condições de vida ficou após os estudos darwinistas bem claro. Ou também pode acontecer o seguinte: Não só um organismo transferido para outro ambiente pode transformar-se ou adaptar-se, mas ele mesmo muitas vezes reflete mudado e destruído junto ao seu novo ambiente.

Isto aqui em curtas palavras abordado se reflete nas plantas, animais e no homem. O capítulo "A luta pela sobrevivência e conservação das raças privilegiadas" é a ilustração para esta lei. Que ela é aplicável também a raça humana já foi muitas vezes demonstrada. Todos já ouviram falar de como nossos compatriotas na América do Norte modificaram-se

em curto espaço de tempo, em poucas gerações mas também como tiveram enorme influência, ainda tem e terão sobre a formação das coisas nesta grande união de povos norte-americanos. Nas seguintes páginas queremos experimentar mostrar como se comportam os alemães radicados no Sul do Brasil (imigrados alemães e seus descendentes) como se modificaram em relação aos costumes da vida, idioma etc. e como esta modificação influenciou o povo ali radicado ou ainda influenciará. Como a colonização alemã no Sul do Brasil só se iniciou a 50 anos passados, assim as condições atuais ainda não devem ter se manifestado tão acentuadamente como na América do Norte. Nós somente encontraremos vestígios de como o elemento nativo sofreu a influência. A mim parece porém importante já analisar agora esta influência, para que daqui a 50 anos se possa estabelecer uma outra comparação. Então poderemos analisar se o grau de desenvolvimento no qual se encontra elemento alemão no Sul do Brasil se encontra vivo se foi visada outra linha e se a influência sobre os nativos, foi válida, crescente ou diminuiu.

Nós analisamos o elemento alemão no Sul do Brasil em condição para com a pátria, de um lado para com o elemento brasileiro do outro, de vários pontos de vista, abordando seguidamente os seguintes pontos: 1º. Alimentação, vestimenta etc. 2º. a vida familiar; 3º. a vida social e política, 4º. a profissional com influência a lavoura, 5º. o idioma.

Em muitos casos analisaremos rigorosamente entre os alemães nas cidades e os alemães colonos. Pois ali onde os alemães vivem em massas compactas bem entre si, as condições nas cidades onde o elemento brasileiro é dominante, deve ser bem diverso.

Analisaram portanto o primeiro ponto, estilo de vida, alimentação e vestuário dos alemães no Sul do Brasil.

O Sul do Brasil é terra sub-tropical que produz os produtos característicos desta região em grande escala. O prato nacional (por excelência) é feijão com farinha e carne seca. Como este é também o prato mais barato, os alemães em principal os mais pobres o aceitaram por completo. Também nas colônias alemãs onde o feijão é um produto importante da agricultura, será encontrado na mesa com a carne seca quase que diariamente. Mas também nas cidades entre melhor situados alemães o prato nacional é muito bem recebido. Nos hotéis alemães que propagam uma completa cozinha alemã, encontra-se uma ou duas vezes, na semana feijão com farinha, além de outros pratos de origem brasileira. Antigamente quando ainda havia poucos alemães fixados no Sul do Brasil, foi preciso muito mais aderir a alimentação brasileira, do que como atualmente. De primeiro, batatas, tomates, e o costumeiro churrasco, aves com arroz etc. constituíam naquele tempo um papel bem mais importante do que agora. Nos mercados do Sul do Brasil se compra batata inglesa, maçã, pêra e verduras, como: couve-flor e outros tão bons como os nossos daqui. De ano a ano o consumo de batatas inglesas aumenta e não mais como antigamente, quando eram vendidas de uma a uma como aqui as pêras e maçãs. Alguns anos passados o chucrute e presunto só era

consumido por pessoas bem situadas nas cidades, agora nas colônias é produzido grande quantidade, presunto defumado, carne conservada em salmora, que é também vendido em mercados nas cidades. Desta forma o menos favorecido financeiramente também pode usufruir destas delícias. Os colonos alemães de São Lurenço eram a maior parte Pomeranos com sucesso lançaram o peito de ganso defumado e quando até bem pouco tempo nas mesas era consumida a péssima manteiga inglesa enlatada, agora foi substituída por manteiga fresca. Pêras e maçãs vem especialmente da Provincia Rio Grande do Sul, da qual aqui falamos. Também vem do alto da Serra ou mesmo Montevideo. As primeiras são piores do que as nossas, empedradas, um pouco secas, as últimas bem melhores, mas caras. Se a plantação de árvores frutíferas crescer, o consumo também aumentará. Até o momento — correspondente a natureza e clima da terra — a laranja tem primazia. Porém muito pouco entra para o consumo nos mercados. Em casas bem situadas encontra-se cozinhas bem aparelhadas, enquanto em cozinhas nas casas brasileiras é um recinto melhor não ser visitado. É natural que isto aconteça, pois a dona de casa alemã também na segunda ou terceira geração está a frente dos afazeres, da casa e da cozinha pessoalmente enquanto a dona de casa brasileira entrega estes serviços as negras. Mas mesmo assim já aconteceu uma certa modificação nas casas brasileiras, principalmente quando mantém relacionamento amigável com família de origem alemã. E portanto visível a influência aqui do elemento alemão. Os bons produtos brasileiros serão sempre visíveis na mesa no Sul do Brasil e continuarão a ser, quando um substituto será apresentado, somente por fator curiosidade.

Os moradores das colônias apresentarão alimentos menos variados como os das cidades, bem como aqui a diferença do camponês com os moradores de maiores centros. Por esta razão nas colônias o feijão e farinha com anexos de carne como prato nacional sairá uma modificação como por exemplo o chucrute mais carne de porco, e feijão branco com toucinho da Westfalia. Bem, só pode ser favorável aos nossos valentes conterrâneos este prato nacional com suas variedades devido o seu valor nutritivo.

Até aqui de alimentação: A bebida nacional do brasileiro — (a cachaça por enquanto deixa totalmente de lado) — e a mesa o vinho Bordeaux e vinho do Porto. Era assim até pouco tempo atrás. Mas já agora se percebe uma modificação neste sentido uma a mais importante se deve aos alemães e a outra aos italianos e alemães. Aos dois vinhos acima citados nasceu dois concorrentes que anualmente crescem. São o vinho nativo que surge também no Sul do Brasil pois nesta Província é produzido em grande quantidade. Pelos alemães foi introduzida a cerveja alemã. A cerveja também no Sul do Brasil começou sua caminhada vitoriosa e não vai levar muito tempo para penetrar até o rancho mais afastado na floresta e na mísera choupana do negro.

Alguns anos atrás se conhecia somente a cerveja européia, muito cara e somente acessível aos mais favorecidos. Mesmo os trabalhadores alemães bem como colonos tinham que abnegar de sua cerveja e por muitas vezes aderiram a cachaça e aguardente natural da terra. Ainda voltarei a falar sobre este assunto. Assim não podia continuar, o alemão precisava de sua cerveja. Foi uma mão feliz a do valente alemão Fr. Christof-

fel que em Porto Alegre instalou a primeira cervejaria na Província Rio Grande do Sul que atualmente se desenvolveu enormemente. A cerveja primeiramente não era boa, mas era a cerveja que o trabalhador alemão podia beber. No decorrer dos anos, inúmeras cervejarias alemãs surgiram nas diversas colônias alemãs. Mesmo as colônias italianas têm suas cervejarias. Porém não só o alemão bebe a cerveja, mas o brasileiro também aderiu a ela bem como o negro. Em todas as confeitarias, restaurantes e hotéis é consumido a cerveja. Até a palavra "bier" já foi aceita pelo brasileiro. Wilhelm Becker produz uma cerveja bem forte que denominou "Bockbier".

Muito foi falado da missão cultural que foi assumida pela cerveja e já em parte foi vitoriosa. Com isto se quer dizer que sempre mais elimina a cachaça. De fato em muitos lugares isto pode ser constatado assim por exemplo também na América do Norte. Parece que no Brasil a cerveja alemã pretende também assumir este papel humanitário. A cachaça nacional é obtida da cana de açúcar e já foi a desgraça de muitos.

Assim vemos que relativo a bebida nacional do alemão no Sul do Brasil ficou fiel ao seu costume mas também influenciou o brasileiro. Porém também o alemão aceitou a bebida nacional brasileira. Eu desejaria que também fosse aceita aqui na Alemanha, não somente devido as suas condições de manufatura mas também por ser barato. Uma outra bebida nacional muito bem aceita pelos alemães, aqui me refiro ao mate ou chá Paraguaio. Realmente este chá está muito divulgado nas colônias alemãs pela forma como é preparado pelos brasileiros.

O mate aqui não é bebido em chicanas, mas sim através de um pequeno canudo em forma de colher de pra-

ta e de pequenas vasilhas de abóbora.

Passamos agora a analisar em curtas palavras a indumentária feminina dos alemães no Sul do Brasil. Aqui na Alemanha existem muitos trajés típicos, que são características para certas regiões e são conservadas de geração para geração. Esta indumentária típica o imigrante naturalmente leva consigo para a Nova Pátria. Nós sabemos da América do Norte que ele aqui não conserva por muito tempo, mas ambiciona logo americanizá-la. Também no Sul do Brasil o alemão não conserva por muito tempo seu traje típico. O colono o usa até quando pode, porém não deixará confeccionar uma nova, mas sim passar a usar aquela roupa que é comum. No campo trabalhando o colono usa largas calças de linho e geralmente uma camisa de algodão colorida e mais um chapéu de abas largas. Os pés descalços enfiados em tamancos de couro. Um paletó raramente é usado, mas substituído pelo confortável poncho. Em viagens este poncho nunca pode faltar, no verão um leve e no inverno um pesado que também abriga contra a chuva. Os colonos alemães adaptaram-se neste sentido as condições brasileiras. Não posso evitar em citar um trecho do excelente livro de Hugo Zöllner intitulado "Os Alemães na Floresta Brasileira" (Die Deutschen in brasilischen Urwald) onde ele escreve: o mais interessante é observar os colonos em regiões afastadas onde não há transporte humano, certas conduções e mesmo encontramos dificilmente em pedestre, ali verificamos como se adaptaram a estas condições precárias. Assim encontrei certa vez num

dia de bom tempo, montado numa "mula" como os colonos alemães dizem acompanhado por um guia, conhecedor da região. Era um ensolarado domingo de manhã e centenas de pessoas passavam por mim alegremente cumprimentando. Entre as figuras típicas minha curiosidade foi despertada por um colono já velho e que talvez, encontrara dificuldade em subir a um cavalo. Ao lado dele ia uma mulher jovem com uma criança no colo, guarda-chuva aberto e uma segunda criança agarrada na saia, atrás dela uma mula que levava pela corda uma terceira criança sentada no lombo do animal. Duas jovens vinham a cavalo montadas a moda masculina, em seguida uma mula que levava duas a três crianças e por último o pai, compenetrado montando uma megera, também de guarda-chuva aberto, pés enfiados em tamancos. Suas botas que serviam também de mala de viagem estavam penduradas ao longo das pernas trazeiras de seu cavalo. É verdade que todos estavam sentados firmes em seus cavalos, especialmente a geração mais nova que aqui estão na idade de aprender a andar, aqui cavalgam sem sela só agarrados a crina do cavalo. Aqui todos cavalgam inclusive os mendigos, que felizmente são poucos.

Foi aqui que os alemães adotaram totalmente os arreios brasileiros, que difere dos nossos. Nas cidades se vestem como aqui também. O brasileiro no entanto aprecia enormes e feias calças de elefante e cartola. Em seu todo porém não estão sujeitos a uma moda específica como na América do Norte, mas sim todos se

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

vestem com a tendência individual. As damas brasileiras procuram seguir a moda parisiense, mas muitas coisas feitas não adotam.

Passemos agora ao segundo item, uma visão rápida sobre a vida familiar. Aqui na Alemanha a mulher é a companheira do homem que com ele divide os mesmos direitos e obrigações quando se refere a família internamente. O homem assume a obrigação da manutenção da mesma família e a mulher organiza a casa, procura oferecer ao homem um recanto tranqüilo e calmo para descansar após o trabalho. O homem e a mulher por nossa concepção devem ser fiéis amigos que de mãos dadas caminham pela vida, dividindo alegria e tristeza, e cada parte tem que cumprir o que lhe compete. Na América a mulher é a companheira do homem que com ele divide as obrigações. Para o americano, a mulher é um objeto, um brinquedo de luxo que ele enfeita ao extremo para nas poucas horas de folguedo e-la o divertir. Mas não só na vida familiar a mulher americana tem maiores privilégios que a alemã. Também na vida social e mesmo política ela tem mais direitos do que em qualquer outro país. Em alguns estados da União a mulher tem quase os mesmos direitos que o homem, mesmo não assumindo as obrigações deste. Toda a educação do sexo feminino parte do princípio de que a mulher tem que assumir um papel de destaque. Os pais dão bem maior importância a educação das filhas do que dos filhos. A filha, recebe uma mesada maior do que o filho que desde cedo chega a compreender as palavras "Help yourself" (Ajude-se a si mesmo).

A mulher brasileira igualmente em muitos pontos de vista tem uma posição superior do que a mulher aqui. Ela é a esposa do homem, que lhe dá filhos desejados. Por esta razão o homem é obrigado a satisfazer todos os

seus desejos, como vesti-la elegantemente, dar-lhe jóias, levá-la a teatros e bailes enfim, torna-lhe a vida agradável. A mulher por seu lado não é obrigada a cuidar do bem estar do homem. As preocupações caseiras irritam uma mulher brasileira, estas coisas prosaicas ela entrega as escravas, negras ou mulatas. Até este ponto a mulher brasileira se iguala mais ou menos a americana. Quando agora esta última preenche o seu grande tempo livre com literatura, arte, ou até agitação social ou política, por onde ela alcança muitas vezes ser intelectualmente superior ao homem. Tudo isto não acontece com a mulher brasileira. Fora enfeitar-se, para a mulher brasileira não existe mais nada. A metade do dia é passado a sonhar na cadeira de balanço a outra metade gasta em vestir-se para olhar pela janela, receber e fazer visitas. Pela casa ou educação de crianças não se importa. Na vida social e política a mulher brasileira é colocada bem distante, ela é enfim só flor que deve enfeitar o homem e em cujo perfume e brilho ele se delicia, mas não é companheira e amiga sua cooperadora.

Na América do Norte a posição da mulher alemã imigrada transforma-se logo e se não for ela, mas com toda a certeza suas filhas, avançam para uma posição privilegiada social. Bem diferente é com os alemães no Sul do Brasil, principalmente nas colônias. O destino do colono é trabalho duro desde de manhã bem cedo até alta noite. A força de cada elemento da família é necessária, se o homem na luta pela existência trava com a floresta virgem quer progredir. A mulher do colono alemão no Sul do Brasil não conhece horas de lazer, para ela existe só trabalho e novamente trabalho. Todo o peso da faina doméstica pesa em seus ombros e que peso se existem dez doze ou mais filhos! Empregados ou escravos são muito raros e caros, so-

mente das filhas mais crescidas a mulher tem ajuda, enquanto os garotos já bem cedo auxiliam o pai no trabalho na lavoura. Até o presente momento a posição da mulher no Sul é esta, em segunda ou terceira geração, parece que a mesma se consolidou. Podemos portanto crer que a posição relativa ao homem e a mulher continua idêntica com a nossa Alemanha.

Em todas as casas de colonos alemães reconhecemos a mão da dona de casa. Ordem, limpeza, conforto mesmo na maior simplicidade, estas são as qualidades da casa alemã e que falta totalmente nas casas brasileiras. Que nossas mulheres colonas a conservem por muito tempo!

Um pouco diferente são as condições nas cidades, onde as senhoras alemãs entram em contato com os brasileiros, quando vêem nela uma posição privilegiada. Mas quando em sentido geral a posição da mulher alemã imigrada não sofreu modificação acentuada, esta já se faz sentir nos filhos nascidos aqui. As jovens não são incentivadas ao trabalho, aprendem pouco na escola e conseqüentemente pouco interesse demonstram pela leitura ou atividade artística. Bordados finos tão apreciados pelas filhas da melhor sociedade também não é feito. Mas sim a jovem teuto-brasileira gosta de vestir-se bem, olha muito pela janela, dança muito, bem cedo aprende muitas coisas que lhe ficariam escondidas por anos, em curtas palavras ela gosta de imitar suas amigas brasileiras.

Em casamentos entre alemães e brasileiros, especificamente entre alemães e brasileiras o caráter alemão da família perde-se invariavelmente. A indiferença da mãe dona de casa com facilidade é transmitida as filhas e a administração doméstica, em vão o pai lutaria contra tal situação se mesmo o tentasse fazê-lo. A educação das crianças agora é totalmente brasileira, em

casa só se fala este idioma, a cozinha é brasileira, enfim o caráter alemão em tais famílias se perde invariavelmente. Se a mulher é alemã e o homem brasileiro então a destruição do caráter alemão se fará com mais demora. As crianças aprenderão alemão. Estas conservam ainda um pouco da educação alemã, mas o convívio com colegas brasileiros abafa logo esta semente e a próxima geração já perdeu o caráter alemão por completo assim também já se perdeu o idioma alemão. As crianças da primeira geração sabem alemão, mas não querem falar, só o usam quando estritamente é necessário ou quando lhe traz vantagem, as crianças da próxima geração já não sabem mais o idioma de sua avó.

Mas felizmente casamentos entre alemães e brasileiros são raros. As moças alemãs parece que não têm muita queda para com os brasileiros, mas como noras elas são bem recebidas. Eu pessoalmente não queria que os casamentos entre alemães e brasileiros aumentasse o caráter alemão sofreria as conseqüências. Em todo se pode dizer que o alemão no Sul do Brasil foi bastante fiel a sua vida familiar. Nas colônias a natureza das coisas é mais segura do que nas cidades.

Em famílias brasileiras da educação das crianças em verdade, não se pode falar. O pai durante o dia está nos escritórios, ou sentado no café politizando, portanto não pode ou mesmo pouco ainda cuidar da educação dos filhos, muitas vezes lhe falta a vontade. E esta falta em grande escala. A mãe também se preocupa muito pouco com as crianças.

Já os primeiros cuidados com o bebê como seria seu dever por natureza ela transmite a babá negra ou amarela. Quando as crianças já cresceram um pouco mais, estas quase que totalmente vivem no meio da criada-

gem negra. Naturalmente os pais brasileiros podem ser muito, muito carinhosos com seus filhos, mas este excesso de carinho, educa mal as crianças. Perante a criação negra e filhos destes jovens brasileiros e brasileiras têm sempre uma vontade ilimitada, e mesmo em pequenos acontecimentos apresentam-se teimosos. As consequências de que os escravos devem obedecer-lhes, mas eles mesmos não são educados a obedecer, quando mais crescidos até apresentam condições desagradáveis para com os próprios pais. O que as crianças aprendem com a criação negra ou filhos destes, não precisamos mencionar é horripilante quando ouvimos falar de assuntos íntimos, sejam meninas ou rapazes.

Eu mencionei este lado da educação infantil brasileira, porque entre alemães acontece algo semelhante. Também a educação das crianças alemãs no Sul deixa a desejar. Em especial observei a teimosia dos rapazes que dividem por completo com os brasileiros. Eu morei em Porto Alegre numa casa alemã onde pude observar bem este aspecto. O pai ocupado o dia todo no negócio, deixava o rapaz de oito a nove anos entregue a si e a mãe alemã sempre tão enérgica seria desarmada perante o filho que a atacava com uma saraivada de palavras que esta não entendia. De onde este rapaz tinha esta teimosia, estes palavras? Através de convívio com rapazes brasileiros da vizinhança, com a amizade com os negrinhos da mesma idade, enfim o mau exemplo destruiu os bons costumes. Aos treze ou quatorze anos um rapaz não aceita mais conselhos de seus pais isto ele vê por seus amigos brasileiros. Estes em relação aos filhos são muito independentes e os pais satisfazem seus desejos para ter sua tranquilidade.

Se de um lado a educação ou di-

gamos falta de educação acentua um lado péssimo do caráter através a teimosia e desobediência esta de outro lado estimula um fator que é quase desconhecido a nossos jovens alemães. Eu me refiro a auto confiança desenvolvida muito cedo. Realmente o jovem teuto-brasileiro é mais livre, autoconfiante, e independente, em sua apresentação. Eles desde bem jovens eram pouco dependentes e sentem agora uma vez crescidos mais livres, confiantes diferentemente dos jovens da mesma idade na Alemanha. Na colônia o pai e a mãe não têm quase tempo de dedicar-se a sua numerosa prole. As crianças crescem em plena liberdade em meio a uma mais ou menos natureza selvagem. Mal o menino aprende a andar já sabe montar e já com quatro ou cinco anos montam sem selim como aqui adultos. Um pouco mais velhos acompanham o pai à floresta onde aprendem o uso da arma. Muitas vezes como meninos se tornam exímios atiradores como aqui os soldados e caçadores. Os dois ou três anos que o menino irregularmente frequenta a escola logo passam e o menino tornou-se um jovem em quase liberdade total. Não é milagre que em sua apresentação é mais livre, mais orgulhoso, posso dizer mais másculo do que o jovem camponês aqui, que toda a sua vida até agora vivem em completa dependência.

A educação das meninas muito deixa a desejar também nas cidades. Aqui o convívio com meninas brasileiras e empregadas negras é altamente prejudicial. A educação escolar é mínima, bordados ou trabalhos manuais dificilmente são feitos. Logo aos treze anos a menina é adulta, velha demais para ir a escola e com quinze anos é uma dama, que só tem um pensamento: casar.

Nas cidades a educação da jovem teuto-brasileira é em verdade, mais

brasileira que alemã, portanto com o tempo a dama alemã ocupará uma posição tão privilegiada como a brasileira. As jovens filhas de colonos precisam trabalhar duro como aqui também. A educação escolar é falha, mas tanto melhor sabem o trabalho pois assim ficam fiéis a profissão alemã isto ajuda a firmar o caráter alemão nas colônias no Sul do Brasil.

Em geral o relacionamento dos filhos para com os pais na Colônia é simpático, portanto uma permanência numa família colonial é agradável. A riqueza em filhos na colônia é grande em média 8-10 filhos e mesmo 15 não é raro. Esta riqueza infantil chama a atenção dos visitantes na colônia e fala claramente do que outra coisa qual-

quer do bem estar de nossos patrícios no Sul do Brasil e mais do delicioso clima que lá existe. Enquanto os moradores na América do Norte em poucas gerações sofrem uma mudança física acentuada, aqui no Sul não se observa tal coisa bem antes o contrário. Em verdade, viajantes admiraram-se com o forte e saudável das pessoas nas colônias alemãs, também referente ao sexo feminino, um pouco mais forte de crescimento. Parece, diz um visitante que os velhos germanos ressuscitaram. Podemos portanto estar certos que nossa raça no Sul do Brasil não degenerará.

Tradução: Edith Sophia Eimer.

(Continua no próximo nº.)

Um lançamento de livro com manifestações culturais

No dia 16 de março, aconteceu o lançamento do livro da poetisa e jornalista Rosane Magaly Martins, intitulado "O Fel do Cio".

O acontecimento, não fosse apenas o fato do lançamento de sua obra, teve lugar em pleno ar livre, no pátio fronteiro ao Mausoléu Dr. Blumenau, com a presença de numeroso público, já que a atração não era somente o momento de autógrafos, mas um bem elaborado programa cultural sob todos os aspectos. Foi um acontecimento que marcou registro nos anais da vida cultural blumenauense pelo número de artistas que contribuíram para a noite festiva.

Ninguém melhor do que o crítico literário Vilson do Nascimento para dizer como viu a iniciativa de Rosana Magaly, na crônica publicada no Jornal de Santa Catarina, dia 22/03/89, assim se manifestando, entre outras observações:

"Estranho, mas bonito, rigorosamente bonito, foi o lançamento do livro "O Fel do Cio", de Rosana Magaly Martins. Jamais imagináramos que um lugar como um *M a u s o l é u*, pudesse ser utilizado, independentemente de seu escopo religioso, sem nenhum requinte de zombaria ou profanação". Mais adiante, diz: "Tudo transcorreu dentro do maior respeito. Música, dança, encenação, figuras bizarras, pedintes duendes, tochas, velas, vinho..."

Um poema vivo, teatralizado. Um happening que Blumenau tão cedo não verá".

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Ulda Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA